

*CONCREÇÃO DE SATURNO*

Vem dos comboios lentos  
do cristal dos gritos  
das mãos prodigiosas e dos seios de pedra corrompida  
vem do fim das palavras inaudíveis  
como um tremor de terra nos ouvidos  
girando em tua órbita de agulhas  
belo e desaparecido como o café chinês da Póvoa de Varzim dos  
tempos da minha infância  
alto como dois rios inimigos  
e perplexo e leal como um cometa arrastando as estrelas podres  
da memória  
para a ponte velocíssima onde geme a farinha deste silêncio  
para o latido dos cães de que só resta a baba donde emerges  
com os teus préstitos de facas adoráveis setentrionais e unas como  
orelhas  
com os teus lares de vírgulas ferozes  
sem rosto  
contra a lua  
ó meu barco de sempre  
minha rota suspeita  
meu grande ornitorrinco deportado por enormes travessas sem  
oráculo  
por teus chumbos de discórdia  
teu hálito seminal de liberdade de homem  
de homem-mãe  
minúsculo ovo azul na pálpebra secreta dos meus dedos

encontrado-perdido      encontrado-perdido  
no erro dos aviadores quando tentam explicar  
determinadas sensações que o andar pelo espaço  
causa ao homem  
na festa magnífica de um reposteiro de  
veludo preto meticulosamente abandonado  
à fúria de uma cama  
nos dois tentáculos de árvore que apesar de  
tudo jorram da minha vida às dez e trinta da  
noite esperança macho  
nos dias em que marcho sem esperança até  
que um grão de areia fura toda a barragem  
subindo rapidamente ao coração

Falo de uma montanha presa pela cinta  
falo da festa mágica para a morte dos nomes  
falo como se a aurora nos banhasse  
como se nada houvesse contra nós  
como se entre o teu rosto e a minha carapaça não mediasse esta  
ausência de um grito este lugar friíssimo e necessário  
e falando de ti anémona-menina em qualquer ponto da praia  
falo de ti Saturno antilúnio antimuro antiaspiração ao  
desaparecimento

O único fim que eu persigo  
é a fusão rebelde dos contrários as mãos livres os grandes  
transparentes

A primeira coisa que me alegra  
é o doce roncar do avião  
em cada ave que voa      voa um homem

nunca foi tão exato falar de realidade

mas a cisão do homem contra o homem instalou a espiral do grande

ASSASINATO

o bibe das mulheres miraculosas sob o arco voltaico da parada

para a consagração do ato macho

para o tantan da adoração sem escrúpulos

merda de merda Saturno afixa o teu revólver

arruína a esperança das cidades levando-lhes ao domingo o teu

rosto suspeito

colore a mão das estátuas cintilantes

já estás grande de mais para o teu leito

instala-te de lado o perigo é enorme

barbeia-te com ódio a barba ajuda